

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio do Povo

Class.:

Data: 20.04.64

Pg.:

I - DRAMA DE 1.080 FAMÍLIAS INDÍGENAS RIO-GRANDENSES

Correio do Povo 20 de Abril de 1964 (1)

Thomaz de Aquino Lisboa e Egidio Schwade

Poucos rio-grandenses sabem da existência de tantos índios no Estado. Da situação econômico-social, cultural e religiosa dos mesmos, muito menos se conhece.

Em vista disto, e aproveitando a "Semana do Índio", que se está comemorando, iniciamos hoje a publicação duma série de artigos sobre os 3.949 índios do Rio Grande do Sul.

Com vistas a fazer um levantamento da situação religiosa dos índios do Rio Grande, visitamos os quatro postos indígenas federais e três túldos indígenas estaduais. Os postos estão sob a direção federal e os túldos sob a direção estadual. Somos dois estudantes do Colégio Cristo Rei em São Leopoldo.

SITUAÇÃO DRAMÁTICA

Quarta-feira da Semana Santa, enquanto todos os cristãos se preparavam para a comemoração dos grandes mistérios pascaes, iniciamos nossa viagem aos índios.

Nossas entrevistas com os Inspetores de Terras, com os Encarregados dos postos e túldos, com seis Caciques e diversos índios, deram-nos uma fotografia realista da situação. Ficamos perplexos com o que vimos e ouvimos. Foi realmente uma Semana Santa diferente. Com raras exceções de postos, onde os índios se encontram melhor amparados — vivem um verdadeiro drama, não obstante o esforço dos encarregados.

Drama das terras continuamente invadidas por intrusos ou requisitadas pelas autoridades governamentais, para serem distribuídas a colonos.

Drama de quem quer trabalhar e se vê jogado, de um lugar para outro, sem ter os meios mais necessários para viver.

Drama da cachaca que o branco oferece ao índio como sendo a melhor paga pelos seus produtos e pelos seus serviços prestados.

Drama de quem é considerado menor e se vê por todos explorado.

Drama de quem é cristão, mas não pode contar com um atendimento religioso adequado à sua mentalidade.

Mas, verdade seja dita, também visitamos postos onde o índio está melhor amparado e se sente feliz! E isto por iniciativa particular. Queremos referir sobretudo o nobre trabalho do sr. João Velloso no posto Paulino de Almeida, bem como o meritório trabalho de assistência do Pastor Norberto Schwantes, no posto de Guarita e do Encarregado do mesmo posto, sr. Luis Martins da Cunha.

HISTÓRICO DAS INVASÕES DO POSTO DE NONOAI

As invasões do posto de Nonoai se desencadearam no governo do sr. Leonel Brizola,

continuando desde então ininterruptamente a dizimar as terras dos índios.

E assim o índio ainda hoje continua vivendo diariamente a angústia da invasão, a angústia da doença, a angústia da fome, sua e dos filhos, porque não pode plantar com tranqüilidade. Apesar de todo o esforço do Encarregado. Isto vimos e ouvimos em Nonoai.

Muito índio do posto de Nonoai se vai dispersando na ilusão de encontrar em outra parte do hospitaleiro Rio Grande, ou em Santa Catarina ou no Mato Grosso, o lugar sossegado para sua família, que naquela parte do Rio Grande não encontrou. Lá serão taxados, como tantos outros patriotas seus de: preguiçosos, bêbedos, vagabundos...

E o índio uma vez compreendido na sua maneira de ser, de viver e de trabalhar — é trabalhador, é honesto, e não bebe. Esta é a realidade que três anos de experiência com os índios do Mato Grosso nos ensinaram.

Mas vejamos como o coronel Alcindo (nome de tribo: PERNÍ) nos relata, pessoalmente, o maior problema de seus índios. (Coronel ou capitão é o nome dado, nos postos e túldos, ao cacique).

FALA O CACIQUE PERNÍ

— Coronel, os índios da sua área trabalham muito?

R. — Ih! Plantemo e vendemo, adiantemo o nosso serviço pros nosso vestido e dispeça. Mas nós temo agora bastante dificuldade, porque os "civilizados" invadiram a nossa terra.

— Cel., o senhor nos pode dizer como é que começou esta invasão?

R. — Eu era capitão do Pinharzinho. Primeiro invadiram o setor dos Porungo. Entró oitô. Então fomo lá, tiremo quatro. Ficó quatro. Então falei com o chefe do posto: "Você não largue nossa mão e nós tiraremo eles; por bem ou por mal nós tiraremo essa gente; nós vamo apurá eles". Mas nós não tinha apoio. Assim acabaram nossa área dos Porungo. Agora tudo é invasor lá. Antes era a seção mais grande que tinha, sim sinhô. E nós foi invadido por esse is-pantalho. Toda esta parte de índio está agora fora da área. E a seção dos Porungo era a seção que nós conservava mais, onde tinha mais pinhar, bastante mata.

— E não há mais jeito de tirar o pessoal de lá?

R. — Pois eu tenho me virado. Falei com o chefe. Ainda ontem fui lá, apanhei toda aquela chuvaada. Tiremo ontem três casa, com a policia de fora. O que é mais fraco a gente tira. Tem cinco posto de policiamento. E nós fomo muito prejudicado sobre invasão e continuamo sendo prejudicado.

DERRUBADA DO PINHAR

— Cel. Alcindo, o senhor esteve aqui quando foram tirados os pinheiros e a madeira de lei desta área?

R. — Sim, naqueles tempo era otros que cuidava. Era o tempo de seu Vieira. Eu não sei como foi aquilo. Mas tem até ainda o sinal dos engenho ali. A serraria ainda está aí. Mas aquêles que começou a serraria ele vendeu prá otro. Este agora comprô os pinhar queimado dos invasores (posselros). Uns três mil pinheiros. Tiraram a metade do contrato até agora. Depois foi embargado. Tiraram mil e quinhentos mais o meno.

— E não receberam nada?

R. — Não!

— E o restante do pinheiro, onde é que foi parar?

R. — Não sei! Isto não sei!

— E o terreno próximo a Nonoai, como é que vocês perderam?

R. — Pois é, nosso terreno incostava antes intê a cidade, e agora está nesta parte aí. Não sei como foi, como é que acharam um jeito de consumir com aquilo. Acho que quem ficó com aquilo tem que ser o próprio que consumiu com o pinhar aqui.

"MUDARAM-SE OS TEMPOS..."

— Vocês ainda se lembram dos tempos antigos? Como é que viviam os índios aqui? Vocês ainda fazem alguma coisa do que os antigos faziam?

R. — Sim, dançemo, sacemo com flecha, melema. Era alguns mata ainda tem mel.

— E a caça, ainda existe?

R. — Tem! Tatú, veado... é muito custoso prá caça.

— E peixe?

R. — Peixe só no Lajeado Grande, mais é peixe múdo.

— E o que contam os velhos dos tempos antigos?

R. — Contam das suas danças, dos tempo de verão, quando eles tiravam suas fêria e iam para o mata e faziam as suas festa, aquilo era uma farrá, então! Capavam, pescavam... Passavam um mês, depois voltava prá casa de novo. Agora nós já não fazemo mais isso. O mata já é custoso. Naquêles tempo índio era sertão. Dava de a gente se divertir. Hoje em dia a gente fica pensando, passa nervoso, por causa da gente branca, né! De primeiro não! Era tudo mais livre. O ar de primeiro era diferente. Hoje parece que a gente só vive no calor. Pois, agora estou nesta situação, não posso cuidá do meu serviço; vorta e meia tem que sair, caminhar fora de hora, porque pode acontecer qualquer coisa prá minha gente.

Até aqui as palavras do coronel Alcindo Perní. E preciso que os rio-grandenses façam algo por aqueles aos quais legaram a maior parte daquilo que impõe o Rio Grande ao Brasil, como o Estado mais original, pela sua tão rica tradição. Gostaríamos que a nosso trabalho suscitasse um estudo mais profundo na história dos rio-grandenses, sobre um povo, e provocasse uma compreensão e ajuda concreta para estes índios.

Qualquer colaboração neste sentido será muito bem recebida por nós.

Col. Cristo Rei — E. Leopoldo.